



## A ARQUITETURA DE ÁLVARO SIZA: O LIVRO DO DESASSOSSEGO.

Renato Leão\*

### RESUMO

Este trabalho aborda a interferência da história, da cultura e da geografia do homem na imaginação de sua arquitetura. O texto trata, através dos resultados formais de alguns edifícios desenhados pelo arquiteto português Álvaro Siza Vieira - prêmio Pritzker 1992, do processo criativo em arquitetura como manuseio do legado das culturas do homem e de suas manifestações construídas ao longo da história da arquitetura, na forma de experiências e instâncias visuais assimiladas dos paradigmas que a escrevem.

### ABSTRACT

This paper deals with the interference of man's history, culture and geography, in the imagination of his architecture. Based upon some buildings designed by the Portuguese architect, Álvaro Siza Vieira - Pritzker Prize 1992, the text comments on the creative process in architecture as the handling of man's cultural legacy and the manifestations constructed along the history of architecture: experiences and visual instances taken from the models that write it.

### UNITERMOS

Contextualismo; pós-moderno; ensino da arquitetura.

---

\*Doutor em Arquitetura pela Universidade Politécnica de Madrid  
Professor da Graduação e Pós-graduação da UNIMAR  
Professor do Curso de Especialização de Arquitetura do CESULON



"Se a Arquitetura continuar vivendo,  
nossas palavras serão provavelmente sempre  
um pouco mais antiquadas  
que o objeto de que tratamos".

V. Gregotti

Se da arte dizia Ezra Pound que ela não se produz no vácuo, da arquitetura poderá, talvez, dizer alguém o mesmo. Este pensamento bem pode traduzir a inquietude pessoal que perpassa este ensaio e que nasce da didática da arquitetura.

Um pintor, como relata o crítico de arte italiano Lionello VENTURI (s.d., p.23) "não inventa traços, formas e cores olhando pela janela. Aprendeu com os seus mestres, com os seus companheiros, com pinturas do passado e faz a sua escolha", e concretiza, na forma que caberá à sua composição, a síntese de suas experiências.

Entendendo-se por forma "a ordem mental dada às suas experiências sensoriais" (VENTURI, p.21), podemos, certamente com distintos graus de dificuldade, identificar em cada forma construída pela criatividade do artista a expressão do seu pensamento - o seu projeto, que instala a sua contemporaneidade, a sua cultura - ainda que pelo ato de revolta contra ela -, a persistência de valores e ideais herdados por tradição bem como a aquisição e recusa de outros, a reconstrução de modelos conhecidos, a articulação de formas artísticas apreendidas e novas formas criadas.

Deste modo, reconhecemos que "a criatividade não está isolada, nem é isolável da vida do Homem" (VENTURI, p.265).

E o processo criativo, de acordo com Javier SEGUÍ (1993), não escapa à manipulação do conteúdo sedimentado no **imaginário** desse homem, depósito de experiências vividas, retidas pela leitura e assimiladas de outiva, processadas de instâncias visuais de origens as mais variadas. E no processo criativo do arquiteto concorrem, segundo ele, imagens absorvidas da própria arquitetura, na forma de representações mentais de toda sorte de experiências afetivamente apreendidas dos paradigmas que têm escrito sua história.

Como o pintor descrito por Venturi, o arquiteto criou suas formas olhando outras estampas' que apenas a da sua janela. É neste sentido que a dinâmica imaginária, mobilizadora do processo projetual, não descarta imagens arquitetônicas apreendidas: ao contrário, é avivada por elas. Matéria-prima e estímulo, são elas que atuam, como veremos adiante, como referência e desencadeantes da ação criativa (SEGUÍ, 1993).

No seu trabalho, Álvaro Siza, arquiteto e também professor na escola de arquitetura do Porto, ratifica a idéia de que a arquitetura tampouco surge no vazio: suas formas remontam a outros desenhos e suas imagens nos remetem a outras arquiteturas.



## SIZA E OUTROS ÁLVAROS

"Afirmar que estes homens todos diferentes,  
todos bem definidos,  
que lhe passaram pela alma incorporadamente,  
não existem - não pode fazê-lo o autor destes livros;  
porque não sabe o que é existir, nem qual,  
Hamlet ou Shakespeare, é que é mais real,  
ou real na verdade."

F. Pessoa, Alguma Prosa

"Cada um é muita gente."

F. Pessoa

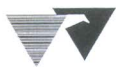
Com uma arquitetura que retoma ao mesmo tempo as duas atitudes projetuais que marcaram a primeira metade do século - as poéticas racionalista e organicista - e com grande capacidade de adaptação (MONTANER, 1993, p.194), como veremos a seguir, Siza propõe a "atualização de culturas arquitetônicas plurais" (MATOS, 1995, p.22).

O desenho de Siza se descobre como um palimpsesto: nele encontramos resíduos outros, vários, que nos reportam a experiências alheias, anteriores, aqui revividas, recontadas sob nova relação intencional. A história da arquitetura, na forma sedimentada de modelos que duram, é a referência manipulada num método que vai da "reconstrução tipológica" (FRAMPTON, 1993, p.21) à releitura.

Siza arquiteto, como Fernando Pessoa na arte das letras, é vários, múltiplo. Na alma, é todos aqueles outros: seus desenhos reviveram, na escuridão de olhos fechados, imagens da história da arquitetura. Com licença poética, Siza, autor de inovações léxicas e gramaticais, retoma temas e soluções formais de Corbusier, Wright, Aalto, Mies, Mendelshon, Stam, Scharoun (FRAMPTON, 1993, p.24; MONEO, 1993, p.4). Sua arquitetura é interferência nessa realidade.

O crítico de arquitetura norte-americano Kenneth Frampton associa o edifício de escritórios projetado por Siza na Alemanha à tipologia do museu Guggenheim. A circulação pela rampa em espiral ascendente ao longo da torre, agora inclinada, de fato coloca este Wright na pose de modelo. Tal idéia de modelo, avesso à utopia, como argumenta Vittorio GREGOTTI (1994, p.21), "se apresenta como puro instrumento projetual (...), constringe a utopia a integrar-se na especificidade das disciplinas, a reentrar na dialética histórica, a converter-se em pesquisa e hipótese de trabalho".

O exemplo didático não é único. O restaurante não construído em Évora tem sabor de Corbusier, o da Vila Savoye, pelo volume horizontal elevado perfurado por janelas corridas em dois dos seus lados, debruçando-se ao mar. De Corbusier, do vestíbulo da Vila Stein, Siza parece extrair a imagem que vai alimentar o seu desenho da escadaria da Escola Superior de Educação em Setúbal.



Há que se registrar, no entanto, a austeridade loosiana destas superfícies e o arquiteto austríaco também poderá encontrar na obra de Siza trópos extraídos da sua própria arquitetura: ecos da casa Steiner na residência de Avelino Duarte (SANTOS, 1994, p.58) ou da de Tzara nos blocos da escola de arquitetura do Porto.

No caso da piscina em Leça da Palmeira, a referência formal está no refeitório da Universidade de Jyväskylä, de Aalto, e na arquitetura neoplasticista de Mies van der Rohe e outros tantos (SANTOS, 1994, p.86). Na biblioteca universitária de Aveiro, os círculos de luz do teto da última planta remetem inconfundivelmente ao desenho da iluminação zenital na biblioteca construída por Aalto em Viipuri. Traços de Morandi, Scharoun, Stam, multiplicam os estímulos externos que avivam o processo criativo de Siza.

Em seu livro 'Después del movimiento moderno', J. M. MONTANER (1993, p.197) lembra a contribuição holandesa à composição formal do Banco Borges & Irmão III, através das imagens da arquitetura racionalista de Oud e Rietveld, e que, construindo na terra deles um conjunto residencial no bairro sul de Haia, Siza se entrega por completo àquela tradição arquitetônica, chegando a ser "mais holandês que os próprios arquitetos holandeses".

A seleção de edifícios que ilustram o presente texto, entre tantos outros erguidos de fato ou somente gravados no papel por Siza, tanto quanto suas possíveis referências arquitetônicas enraizadas em outros edifícios às vezes cultural e temporalmente distantes, é, indubitavelmente, bastante pessoal, inspirada sobretudo pela sua relevância para nosso argumento de que aquelas imagens mobilizaram a ação do arquiteto no seu quehacer.

Essas 'hereditariedades', responsáveis pela multiplicidade de um artista como Siza, reiteram seu pensamento de que os arquitetos não inventam nada, apenas transformam a realidade (FRAMPTON, 1993, p.22).

Ora, a realidade da arquitetura não é senão a sua própria história: a distinção do que dura contra o meramente provisório (BRAUDEL, 1992, p.236), ou seja, a notação da persistência dos seus paradigmas, aqueles que restabelecem no presente o tempo passado, aqueles homens e seu território, suas experiências e valores. Transformar essa realidade não escapa revolver seu passado. Como professor Siza parecer afirmar através de seus desenhos que conhecimento e transformação andam juntos.

É desse modo que a história da arquitetura concorre na imaginação de Álvaro Siza, na medida em que o registro de suas formas e as instâncias visuais produzidas por uma memória sem fronteiras alimentam seu imaginário.

Mas, entendamos bem essa liberdade. Há que se evitar aí a presença de uma força abstrata que superponha seus efeitos à paisagem. O traço pós-moderno de Siza rejeita esquemas mortos ou fórmulas anunciadas na mesma intensidade em que afasta formas puras, geometrias platônicas.



A arte clássica tomara por divisa o rigor obstinado, e todas as suas poéticas dizem que a obra é difícil. Parodiando Fernando de AZEVEDO ao falar dos colonizadores portugueses no Brasil, ousaríamos dizer que a força de Siza vem da sua fraqueza. "Todos os dias a Matéria me maltrata": o poeta Pessoa (B. SOARES, 3 ed., p.41) saberia definir o diálogo que formas de Siza entabulam com as possibilidades materiais da paisagem (MONEO, 1993, p.4). A matéria condicionante, a aparência das formas 'maltrata'; sua imagem ganha vida na aderência nativa com seu sítio. Daí os 'acidentes' da arquitetura de Siza.

## O PESSOA DA ARQUITETURA

"O poder de criar precisa de ponto de apoio,  
da muleta da realidade"

F. Pessoa, *O livro do desassossego*

Todavia, a arquitetura organicista é uma referência marcante e perseverante no trabalho de Siza Vieira. No modo como o arquiteto recria a idéia de lugar e na relação material do projeto com seu contexto, manifesta-se sua afinidade com as atitudes projetuais de colegas nórdicos, como Utzon ou Aalto, representantes daquele movimento (MONTANER, 1993, p.194).

E o discurso da sua arquitetura inquietante enquanto transformação da realidade começa com um intenso diálogo com o lugar - configuração palpável da realidade sobre a qual o arquiteto projeta - e com os usuários (MONTANER, 1993, p.194). A arquitetura emergente então revela nos seus 'acidentes' seus vínculos com a circunstância do lugar onde nasce, sob um método arquitetônico "decididamente empírico e atento aos dados do contexto" (MONTANER, 1993, p.196).

Este princípio anti-classicista de estrutura orgânica demonstrado por Siza tem história: "tomando a Aalto como ponto de partida, (Siza) tem trabalhado seus edifícios na configuração de uma topografia especial e na fina textura do tecido local" (FRAMPTON, 1994, p.332), deixando gravada nos seus edifícios a singularidade do artefato arquitetônico.

As formas de Siza dialogam com o lugar, se acidentam nele. Em certa passagem do Livro do Desassossego, Fernando Pessoa anota que "viver é não conseguir"; em Siza, realizar a arquitetura conota rechaçar a tranqüilidade de formas regulares, abstratas, pela adesão à paisagem. Entre a realidade e a forma platônica das idéias, são como que a abdicação do sonho renascentista da forma ideal, do volume palladiano; regularidade clássica, essa é a sua desistência em favor de uma arquitetura do contexto, onde se desenha "a forma do lugar" (FRAMPTON, 1994, p.332).

No conjunto aquático de Leça da Palmeira, a arquitetura se deforma diante da paisagem: o mar, o mar aprisionado nas piscinas e a composição neoplasticista de muros de concreto que escondem, entre os rochedos, os serviços do programa de necessidades e reconstruem o sentido do lugar, pela conjunção de abstração e natureza - o mar, as rochas e a pedra de cimento.

No pavilhão da escola de arquitetura do Porto fragmentos de memória e paisagem local também interagem: o edifício tradicional de planta em U com pátio semi-aberto aqui se contorce para envolver a árvore preexistente.

É a apreensão da realidade imediata o exercício que podemos observar no conjunto de casas geminadas construídas na Holanda, revestido da cor local tanto quanto o Museu de Santiago, com seu revestimento de pedra que refaz o tom das construções lindeiras, ou a restauração do Chiado morto nas cinzas.

Não se descarta, entretanto, o formalismo corbusierano: da plasticidade das formas conjugadas sob a luz, Siza constrói uma arquitetura de sensações - "objects à reaction poétique" (MATOS, 1995, p.22). Como no Corbusier purista, que refaz a pintura cubista pela ordem que a geometria desenha, a beleza o espectador a encontra no ânimo da tensão estética.

Na relação dialética do processo criativo de Siza, "geometrias de formas primárias são introduzidas e, uma vez apresentadas, são modificadas por transformações" (MATOS, 1995, p.14). De cada transformação - desassossego da forma - que acontece no projeto de Siza emerge o fragmento de vivências momentâneas. "Cada desenho", diz Siza, "deve captar, com o máximo rigor, um momento preciso da imagem palpitante, em todas suas tonalidades, e quanto melhor puder reconhecer essa qualidade palpitante da realidade, mais claro será seu desenho..." (FRAMPTON, 1994, p.322). Em uma imagem fixa, linear, continua Siza, não cabe tal proposta.

O distúrbio da harmonia, quer seja pela circunstância da natureza local e aderência ao contexto ou pela tensão embutida no fragmento, ou mesmo pela variação da constância formal, estabelece a particularidade e a singularidade do artefato: o caso das diferentes seções empregadas nas colunas do claustro da escola de Setúbal.

Como escrevera M. MATOS (1995, p.9), contra a clareza do branco, do número e da razão, geometrias nada euclidianas vão sendo moldadas por Siza. Sua memória subitamente, como que esvaziada da escuridão de onde nascem os sonhos, está povoada pelas recordações do diário de todos os 'eus' da história da arquitetura. Pela construção acidentada destas experiências Siza ergue conjuntos de intensa plasticidade, colorida de formas brancas.

## BIBLIOGRAFIA

- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FRAMPTON, Kenneth. **Historia crítica de la arquitectura moderna**. 7 ed. Barcelona: GG, 1994.
- \_\_\_\_\_. **El honor del Priztker**. A&V; monografías de arquitectura y vivienda. Madri, 40, p.21-24.1993.
- GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **La realidad sentida**. A&V; monografías de arquitectura y vivienda. Madri, 40, p.16-20.1993.



- MATOS, M. C. **Inquirição a um projeto - a Escola Superior de Educação de Setúbal.** In: TRIGUEIROS, L. Álvaro Siza, 1985-1995. Lisboa: Blau, 1995.
- MONEO, Rafael. **Un lenguaje sin alardes.** A&V; monografías de arquitectura y vivienda. Madri, 40,3-4.1993.
- MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderno - arquitectura de la segunda mitad del siglo XX.** Barcelona: GG, 1993.
- SANTOS, José Paulo dos. **Álvaro Siza; obras y proyectos, 1954-1992.** Barcelona: GG, 1994.
- SEGUÍ DE LA RIVA, Javier. **Theoretical considerations concerning architectural design and its basic teaching.** Madri: ETSAM, 1993.
- SIZA, Álvaro, et al. **Visiones para Madrid; cinco ideas arquitectónicas.** Madri: Consorcio para la organización de Madrid, capital europea de la cultura, 1992.
- SOARES, Bernardo. **Livro do desassossego.** 2. Ed. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. **O Livro do desassossego.** 3. Ed. 2. Parte. S.l.[Portugal]: Publicações Europa-América.
- TRIGUEIROS, Luiz. **Álvaro Siza, 1986-1995.** Lisboa: Blau, 1995.
- VENTURI, Lionello. **História da crítica de arte.** Lisboa: Edições 70, s.d.